

# A Geração Desiludida

Nancy Rozenchan\*

*Resumo:* O presente trabalho aborda a geração literária da década de 1970 em Israel. Os escritos do período, tendo como pano de fundo a Guerra dos Seis Dias e a Guerra do Yom Kipur, refletem a desilusão com a derrocada dos ideais nacionais, consubstanciada entre a euforia dos eventos de 1967 e a decepção e o sentimento de perda posteriores a 1973. No texto, são destacados os romances *Passado Contínuo*, de Yaakov Shabtái, e *O Amante*, de A. B. Yehoshua, ambos traduzidos para o português.

*Palavras-chave:* Literatura hebraica, Shabtái, Yaakov e Yehoshua, A. B.

*Filho do homem, porventura tornarão a viver estes ossos?  
E a voz do Senhor lhes respondeu:  
Eis que vou abrir os vossos túmulos e vos farei subir dos  
vossos túmulos, ó meu povo, e vos reconduzirei  
para a terra de Israel.*

Profeta Ezequiel, cap. 37, há quase 2.600 anos.

*Se quiserdes, não será uma lenda.*

THEODOR HERZL, um dos mentores do  
sionismo, há mais de 100 anos.

*É bom morrer pela nossa terra.*

YOSSEF TRUMPELDOR, à beira da morte, vítima  
de um conflito com árabes, há mais de 80 anos.

\* A autora é Profa. Associada do Departamento de Letras Orientais da FFLCH-USP.

*Somos a bandeja de prata na qual foi dado o  
Estado Judeu.*

NATAN ALTERMAN, em sua poesia "Bandeja de Prata", fim dos anos 40.

Estes são alguns dos lemas pelos quais foram e são educados e formados os israelenses. O Estado de Israel, como se sabe, surgiu em 1948. A sua formação deveu-se em particular, ainda que não unicamente, ao esforço conjunto da população do país que se moldara através de um propósito único, o de se transformar em nação. Um grande empenho foi devotado à educação e à cultura no intuito de criar uma geração pronta a se defrontar com a nova entidade política que se estruturou no país. Neste âmbito, o papel da língua hebraica, que por séculos não fora falada pela maioria dos judeus, e da literatura hebraica é destacado, pois serviram de instrumento de propagação dos ideais, como vêm servindo de meio para retratar e observar os desenvolvimentos da sociedade israelense.

As gerações literárias que se sucedem em Israel com grande rapidez e vitalidade indicam a preocupação dos escritores com a ampla variedade de situações cambiantes ali desenvolvidas, em especial como consequência das condições específicas do país que nos seus quase cinquenta anos de existência enfrentou diversas guerras e modificações demográficas e político-sociais. A cristalização de cada grupo de escritores como uma nova guarda literária que assume uma posição espiritual diferente daquela dos grupos anteriores testemunha a necessidade de uma nova reação em relação à realidade israelense. Esta necessidade desperta em sequência a acontecimentos históricos, após os quais, repentinamente, as apreciações, que antes eram estáveis e satisfatórias, ficam envelhecidas. A Guerra do Yom Kipur, transcorrida em 1973, é um dos exemplos mais marcantes da influência de acontecimentos históricos sobre a situação emocional e psicológica da população. Sua marca se fez na escrita hebraica através de uma literatura caracterizada pela decadência e desilusão.

Reportemo-nos por alguns momentos àquilo que se destacou na literatura dos períodos anteriores, a partir da decepção sentida com o Sionismo, que não lograra concretizar a existência do país e no país sobre bases éticas do judaísmo. Esta literatura expressou mais do que a *segurança* concreta na possibilidade do Estado se manter, o desejo de se "vingar" por meio dele do ultraje da existência prolongada na diáspora e a proclamação do final da longa humilhação no seio dos demais povos. Na assim chamada Geração do Estado ou Nova Onda, aquela que surgiu no

fim dos anos 50, desenvolveu-se uma temática individualista, onde se explorou o tema existencial. A hipótese dos escritores e escritos da época era que a situação israelense, por ser fruto de um âmbito político/terra, parecia-se em tudo às situações existenciais do homem em qualquer outra parte do mundo. A colocação desta semelhança entre os israelenses e os habitantes de qualquer outro país conferiu uma realidade à sensação de inovação na vida dentro do país. Pareceu que, graças à existência do Estado, o israelense se tornara cidadão do mundo. Esta geração literária, talvez de forma atabalhoada, livrou-se do "nós" do coletivismo, sem se eximir totalmente do pano de fundo da sociedade israelense. A impetuosidade com que foi desleixado o pensamento nacional começou a deixar as suas impressões. A experiência breve de duas décadas de independência não pôde substituir a totalidade de sentimentos e de idéias que o pensamento nacional havia conseguido colocar à disposição dos israelenses.

A ficção da década de 60 esteve dividida, divertindo-se ou torturando-se com a doença da nostalgia. A Guerra dos Seis Dias em 1967, com sua carga de euforia e emotividade, contribuiu para mostrar que havia um anseio para recuperar valores espirituais da geração dos pais, uma busca de uma identidade pessoal a par dos esforços de voltar à memória coletiva, assunto este desenvolvido nas obras de Aharon Appelfeld. Pode-se dizer que houve uma verdadeira alegria diante da oportunidade natural criada para voltar ao tesouro de conceitos e de pensamentos da cultura nacional, a fim de extrair dali formulações prontas para as expressões de elevação de espírito e a excitação do momento.

Nos anos que entremearam as duas guerras mencionadas, a de 67 e a de 73, registra-se, porém, na literatura, a exemplo do que ocorria em diversos círculos da sociedade, um olhar diverso para os desenvolvimentos da vida do país, que se expressa no tom de desilusão sobre a possibilidade de a vitória espantosa de 67 resolver de uma vez por todas o conflito prolongado entre o Estado de Israel e os estados árabes. Não foi por acaso que os resultados da Guerra dos Seis Dias insuflaram nova vida aos debates que tinham sido deixados de lado após a Guerra da Independência. Novamente se perguntou se a força concedia direitos, se sempre seria necessário viver com a espada à mão, qual era o direito a esta terra, como podiam ser respondidas as questões morais ligadas aos atos de guerra e às suas conseqüências. À medida que se aproximou a Guerra do Yom Kipur, decresceu a confiabilidade nos resultados da utilização, para fins da existência do Estado Judeu independente, da força física. E com esta confiança abalada, reforçou-se também o ceticismo com relação à função e ao lugar do Estado no destino da existên-

cia futura. São estas as bases da literatura da desilusão que iria consolidar-se nos anos seguintes, final da década de 70 e início da de 80.

A literatura tinha desejado mais restaurar um paraíso perdido do que encontrar um novo; esta utopia contrapunha-se à ordem de vida reinante; a ordem da nova riqueza que tinha tomado conta de todos os modos de vida, corrompendo-os e tornando-os feios, incomodava, porque, apesar do bem-estar aparente, chocava-se com os valores morais básicos dos pioneiros. As obras literárias passaram, nestas circunstâncias, a apresentar e representar um significado político mais específico, a exemplo do que acontecera no início da década de 70, com as peças escritas por Hanoch Levin, que chocaram violentamente o público, como *Héfetz (Objeto)*, *Shitz (Shitz)* e *Malcat haaambátia (A Rainha do Banheiro)*, colocando em foco os aspectos mais indecorosos da sociedade e das classes dirigentes.

Obras de Sami Michael e de Aharon Appelfeld sobre o modelo dos imigrantes mal absorvidos no país, em que se destacam sentimentos de estranhamento e alienação são uma das características do período. *Assael (Assael)*, de Aharon Mégued, *Requiem leneeman (Requiem por Neeman)* e *Minotaur (Minotauro)*, de Binyamin Tamuz, *Haéssev vehahol (A Relva e a Areia)*, de David Shitz, *Aharei haguéshem (Após a Chuva)*, de Itzhak Ben Ner, *Menuchá nechoná (Repouso Correto)*, de Amós Oz e *Guerushim meuharim (Divórcio Tardio)*, de Avraham B. Yehoshua, entre outros, são os escritos que podem ser definidos como de tema decadente. Deter-nos-emos, porém, em apenas dois livros, seja porque são considerados os mais importantes, seja porque estão mais próximos do leitor brasileiro. Trata-se de *Hameahev (O Amante)*, de A. B. Yehoshua (1936- ), e de *Zichron dvarim (Memorando)*, de Yaacov Shabtái (1934-1981), que recebeu na tradução brasileira e para outras línguas o nome de *Passado Contínuo*, talvez devido ao fato de ter sido escrito em um único parágrafo. Estes dois romances, incomuns em sua estrutura, foram publicados originalmente em 1977, portanto pouco depois da Guerra do Yom Kipur. Os escritores tinham na ocasião 41 e 43 anos respectivamente.

*Passado Contínuo* pode ser descrito como um romance social amplo, que traz, através de suas dezenas de personagens, a história da decadência e do desmoronamento social e moral de uma camada bem definida da sociedade israelense antiga, aquela que acabou de se cristalizar antes da independência e que nos anos que se seguiram a 48 teve a sua estrutura desgastada, suas normas morais e estéticas esgarçadas, o que a condenou a uma deterioração nada honrosa. Trata-se da camada trabalhista-socialista, uma elite do país, cujas raízes pioneiras estavam fincadas na terceira onda migratória, dos anos 20, e que havia se fortalecido através da

consolidação dos partidos trabalhistas que foram as camadas dirigentes e que estabeleceram a imagem social dos israelenses. As três personagens principais do romance, três amigos, pertencem a esta camada, e a sua relação mútua assim como a relação com a geração dos pais, da mesma forma como o beco sem saída a que cada um deles chega, cada um a seu modo (um se suicida, outro está totalmente falido do ponto de vista moral, consequência obrigatória de uma existência hedonista-niilista, o terceiro, que deseja se firmar como artista, aceita a humilhação de uma vida parasitária, chega ao último limite do alheamento e perda da capacidade de vinculação com o próximo e fracassa como artista), concretiza a destruição física e psicológica da camada social que outrora tinha possuído o poder físico e mental. Não é por acaso que o romance se estende pelos nove meses que entreteem a morte do pai de uma das personagens, em primeiro de abril – em Israel, dia dos bobos e da mentira – ao suicídio do seu filho em primeiro de janeiro, o início de um novo ano. Desde a história da morte de Efraim Goldman – uma espécie de justo tirano e dominador, que representa os poderes, as limitações, a feiúra e a inteireza interior daquela classe quando do seu auge – até o suicídio do filho, do qual foram extraídas todas as forças de vida e no qual somente restara algo da “pureza” básica do pai (que é o que o conduz ao suicídio), estende-se um traço nítido de desenvolvimento de caráter nitidamente simbólico. O romance não se limita, porém, a apresentar processos sociais por meios simbólicos. Ele os concretiza através de dezenas de exemplos bem delineados. Graças ao talento na descrição e na apresentação dos traços mais tênues da fisionomia social e ao conhecimento autêntico do mundo apresentado, Shabtái reviveu no livro não só um grupo de personagens características, convincentes em seus detalhes de comportamento e fala, mas também um organismo social completo que se apresenta no seu “desmanche”, se se pode permitir o uso da palavra.

Destaque-se no livro *Passado Contínuo* a sua condição de obra política, de ascensão e queda do movimento trabalhista, a par dos desenvolvimentos psicológicos das personagens absolutamente representativas dos pensamentos diversos do país.

Por um lado, estas personagens apresentam e representam a idéia positiva de “Israel, o bonito”, pelos seus feitos de construção do israelense e do país; por outro, apresenta-se um modelo não-uniforme: um país variado e dividido com um reservatório rico, excêntrico e insano de gente que pode conduzir a uma diferenciação infinita (beirando a desintegração), mas que também pode produzir lealdade de “família” ampliada, ainda uma presença forte em Israel, ao menos naquele mo-

mento, há mais de vinte anos, preservando um certo grau de unidade. A obra nos proporciona um relatório minucioso e persuasivo da realidade tanto social quanto psicológica através da família, da cadeia de amigos e amantes, da interação de políticos e a sociedade, a fluidez da consciência e, sobre tudo isto, curva-se a visão sombria de Shabtái, com as forças gêmeas da morte e da decadência.

Do ponto de vista estético, nada é discreto nesta obra que tem frases que se estendem por páginas. Vez após vez, pessoas diferentes, lugares e tempos são colocados juntos em uma só teia. A conexão é complexa; o autor criou sentenças que produzem uma ondulação narrativa lenta ao invés da narração linear, que voltam para a frente e para trás através das diferentes personagens e momentos, em montagens criadas por ações e sentimentos relatados, análise de motivos, transcrições de pensamento, diálogo e indicações de cenário. Conforme diz Robert Alter, é como se todas as funções narrativas do romance realista tradicional tivessem sido rompidas em pedaços bem pequenos e depois giradas juntas em uma centrífuga programada, de alguma maneira, para lhes dar um novo propósito intencional.

A densidade e a opressão da existência social israelense aí expressas, o aglomerado e o aperto social que se transformaram também num sufoco interior, causam um estremecimento e algum mal-estar no leitor mais atento. Para Dan Miron, esta condensação e opressão, ainda que explicadas pelas condições da “situação israelense” específica, transformam-se gradativamente em dados existenciais universais. Shabtái lutou neste livro para conseguir obter uma acomodação estética equilibrada do caos existencial acumulado na memória, pois a expressão que dá nome ao livro, em hebraico, de *Zichron dvarim*, é composta das palavras “memória” ou “lembrança” e “das coisas”, ou seja, memorando.

As idéias de enfraquecimento, desintegração, podridão, perda, ruína e morte estão subjacentes às obras da década de 70. As descrições refletem a sensação de que a vida está empobrecida em seu vigor. O anseio de vida diminui e, ao longe, à espreita, paciente, encontra-se o fim revelado – ruína e destruição. Estas obras se assentam no crepúsculo, depois do quê vem a escuridão. Shaked, em suas análises, fala de “sombras”. Esta sensação de vida prenuncia o fim apocalíptico. A sensação do fim e do extermínio da vida é acentuada num tema recorrente na escrita de todos. As personagens nos escritos de tema decadentista evitam deixar descendentes. Em Itzhak Ben Ner isto se inicia com a morte do amor. O escritor David Shitz destaca o desleixo para com os filhos como uma revelação constante das relações dos pais com os descendentes e o não gerar filhos entre os membros da última geração. Em outros escritores ocorre o abandono de esposas e filhos. Shabtái acen-

tuou a recusa de uma das suas personagens em ter descendentes e também as demais personagens vivem de um modo em que a continuidade não fica garantida.

Na escrita chamada de “desilusão” ou decadente existiu uma tendência para a concretização naturalista da realidade israelense. Deste modo, os escritores conseguiram destacar a feiúra da vida e também o fato de viverem num beco sem saída. A realidade foi concretizada em seus aspectos vulgares. Dominaram-na as normas da rua (violência, falsidade, malícia, sexualidade) e conduziram-na atos que no passado eram banidos (o desejo de humilhar o próximo, a prontidão para se erguer sobre a destruição do próximo, relações de abuso e aproveitamento e inexistência de qualquer dúvida moral nas relações entre as pessoas). Foi uma realidade de deformidade e degeneração, de deslindamento da vida individual diante de todos, seja por si, ou através de outros. Todos viveram nesta realidade com a sensação de transitório e por isto investiram o desempenho máximo na extração das possibilidades hedonistas da vida. O universo do indivíduo entrava em colapso diante da pressão desta realidade e, mesmo que ele tenha tratado de fugir para um canto obscuro, não conseguiu escapar da sua força destruidora.

Os escritos dos autores mencionados não se satisfizeram com a apresentação desta realidade pervertida como uma realidade total da qual não se podia escapar; eles procuraram também colocá-la à luz de uma realidade absoluta que, segundo eles, não podia ser modificada. É, porém, enganoso definir estas obras como repletas apenas de desespero e pessimismo ou que elas somente devam ser apreendidas desta forma.

O romance *O Amante*, de Yehoshua, esteve ligado mais diretamente à temática de guerra – desenrola-se desde alguns meses antes até alguns meses depois da Guerra do Yom Kipur – e, num certo nível de leitura, tudo o mais pode ser entendido como uma metáfora em relação a ela e à situação do país, ainda que, naturalmente, existem diversas outras opções de leitura. A obra de Yehoshua, em seu conjunto, apresenta uma grande tentativa de uma alegorização política. Yehoshua, fora de suas atividades literárias, é também uma figura pública conhecida, com ampla atuação política. Yehoshua tentou justapor um antimodelo com o modelo sionista conhecido e questioná-lo. Através de perguntas provocativas, levantou todas as questões a respeito da sociedade, todas as dúvidas e hesitações políticas, acobertando-as, às vezes, por uma censura interior, através de alegorias. Ele tomou materiais de seus modelos tradicionais, despiu-os de sua simplicidade e os colocou numa nova configuração, retratando tudo como o seu oposto. Para ele, o árabe e a sua ruína são a antítese da tese sionista, o lado obscuro da experiência sionista.

A obra de Yehoshua descreve o lado obscuro da existência nacional. Para G. Shaked, porém, que se detém amplamente nas obras do escritor, o desejo humano de autodestruição é a outra face do desejo de construir. O anseio pela morte é a outra face do anseio pela vida. Assim, quem vem apresentar o lado sombrio da existência humana, principalmente o lado sombrio da sua sociedade, cumpre uma missão social. Ele obriga as pessoas a olharem para si próprias e para o próximo por um novo ângulo.

Em *O Amante*, Yehoshua tentou se defrontar com algumas das vivências básicas da neurose nacional do povo judeu. O livro abriu feridas que até a guerra do Yom Kipur estavam fechadas. As palavras que eram ditas ao pé do ouvido irromperam como um vulcão e este grotesco fez com que se retomasse mais publicamente consciência dos pesadelos da existência no país. Adam, ou Adão, personagem principal, dono de uma oficina de carros, incapaz de manter uma vida conjugal satisfatória, procura um amante para a esposa, Ássia, professora de história. O amante é Gabriel, um israelense que desde a infância vivia em Paris, sem vínculos com Israel, exceto por uma velha avó, Vedutsha, à beira da morte, que ali vive. Dela, ela obtém o velho carro, um Morris modelo 47, parado há anos, desde que a avó passara a uma vida vegetativa. Completam a trama a filha adolescente do casal, Dáfi, e Naim, um garoto árabe que trabalha na oficina de Adam, e que vem a se tornar o amante/namorado de Dáfi.

A Guerra do Yom Kipur é captada no romance não como um acontecimento histórico único, mas como um sintoma de doença, um elo numa corrente que se solidificou de modo dialético durante todos os anos da existência do Estado, principalmente naqueles entre as duas guerras, de 67 e de 73. Na realidade, um dos eixos condutores da trama tem início muito antes do período mencionado. A avó do amante, Vedutsha, sefardita, agonizante, sai de sua vida vegetativa e sua longa vivência de noventa e dois anos é retomada. Ela era da cidade velha de Jerusalém onde havia passado os seus melhores anos, os anos da Velha Comunidade e, na velhice, tinha se mudado para Haifa, vivendo numa casa árabe abandonada. Como traço comparativo, os anos de vivência de Vedutsha em Haifa correspondem aos anos de amor, casamento e consolidação econômica do casal Adam e Ássia que havia se conhecido ainda na escola. Os anos do esquecimento de Vedutsha são correspondentes aos anos de uma existência de Adam à margem dos grandes feitos ocorridos no país, pois ele nunca foi dos heróis de guerra, e sim um operário sem maiores pretensões, que enriqueceu às custas da guerra de 67, consertando os veículos mal cuidados daqueles que tinham ido combater.

Algumas questões se colocam em relação a Vedutsha. A data do seu nascimento é 1881, conforme ela conta para o garoto árabe Naim, que passa a lhe servir de acompanhante. 1881, frisa ela, foi o ano da imigração dos primeiros pioneiros da Rússia para a Palestina, do movimento Hibbat Tsion, das idéias sionistas. Ao deixar Jerusalém, porém, é como se ela se tivesse colocado à margem dos acontecimentos. Na realidade, ela faz parte de uma camada nativa da população, a dos sefaraditas, que não tiveram participação ativa no fazer e no pensar sionista. Ela simboliza a história do sionismo que não conferiu a todos os judeus uma existência normal através da recondução ao país. Mesmo o seu neto, Gabriel Ardíti, que vivia na França, é desvinculado do país e de suas guerras. Entretanto, encontrando-se no país, ele é conduzido à força a participar da Guerra do Yom Kipur, num conflito que não lhe diz respeito, num país em que ele se encontra somente para receber uma herança, um velho carro, quando a velha avó, símbolo de um aspecto alienado da vida israelense, vier finalmente a morrer. Gabriel, assim que tem a oportunidade, escapa da guerra, foge dela disfarçado de judeu religioso, usando um paletó preto esquecido que complementa a barba que estava mesmo por fazer. Em Jerusalém, de onde a avó havia saído, ele se vincula a um grupo de praticantes ortodoxos e lhes serve de motorista com o velho carro, agora pintado de preto. Sem que chegue a entendê-los, ele assume a posição de piedoso, pois esta lhe parece ser uma forma de liberdade de escolher um modo de vida. Ao menos, é assim que ele vê aqueles em cuja companhia se encontra. Não há o mesmo compromisso com a nação e nem se é obrigado a enfrentar uma guerra indesejável cujo final pode ser a morte.

O próprio carro, um Morris 47, é igualmente um símbolo daquela sociedade. Fundem-se nele três possibilidades alegóricas: Morris é um nome próprio que com freqüência substitui, na cultura anglo-americana, o nome de Moisés; o ano de 1947 foi marcado pela decisão da ONU, votada em novembro, da partilha da Palestina, de certa forma uma quase promessa de criação de um estado judaico. Assim, agregam-se na imagem do carro, que é de procedência inglesa, portanto uma alusão direta aos mandatários do país, a preponderância britânica, agora envelhecida, com a data decisiva relativa ao futuro do país, e a raiz ética do povo; ao ter a sua cor trocada, é como se assumisse uma outra identidade: ainda um Morris, seu ano continua o mesmo mas, externamente, quer parecer ser outro, como Gabriel que o conduz. Deve-se ainda considerar, nesta conceituação, que este legado que Gabriel recebe e que usa para variados fins representa como que o ideal sionista de 1947, congelado como a avó que passou então a vegetar, e que Adam tentou pôr a funcionar de todo modo: velho mas correndo.

Na geração jovem de Dáfi e Naim ocorrem também alterações anteriormente inimaginadas na estrutura ideológica do país. Naim, o garoto árabe, declama as poesias de C. N. Bialik, aprendidas na escola e que serviram, desde o início do século, com o restabelecimento dos judeus no país, para educar o povo para a bravura, para o renascimento, para deixar de lado a impotência do passado. Destaca-se aí o poema "Metei midbar" ("Os mortos do deserto") que clama "Somos a última geração da submissão e a primeira da redenção", referência à saída do Egito e passagem pelo deserto. Na boca do menino árabe, este é um brado trágico de revolta.

Dáfi, por sua vez, com a provocação de que poderia existir no país uma alternativa para o sionismo, desafia a mãe, providencialmente uma professora de história, dedicada, por isto mesmo, a insuflar a alma de seus pupilos com os valores nacionais com a finalidade de torná-los bons cidadãos, nacionalistas, idealistas.

O romance é contado através de longos monólogos intimamente ligados, seja por tema (cada monólogo desenvolve, detalha, exemplifica ou se relaciona com o monólogo anterior), por enredo, principalmente na parte final do livro, quando cada monólogo se apegua ao fio do enredo daquele que o antecedeu e o continua, fazendo avançar o desenvolvimento do enredo ou o detém, para esclarecer um evento sob um ângulo diferente.

Esta estrutura narrativa permite transmitir significados através do confronto entre eles. O confronto indica, entre outras coisas, a impossibilidade de cada um saber o que ocorre com o próximo, demonstrativo da solidão comum a todos.

O enredo do livro avança graças à personagem principal, Adam. É ele que toma decisões, é ele que gera os eventos, arranja um amante para a esposa, envia-o para a guerra, traz o rapazinho árabe para a sua casa e para a casa da avó do amante da esposa.

A grande modificação que ocorre na literatura da época, e que é perceptível também nesta obra de Yehoshua, é que as personagens secundárias ou as que as representam é que estabelecem o destino da personagem principal, contrariamente à geração literária anterior, quando esta estabelecia o seu caminho.

A personagem principal é arrastada pelo contexto. Adam é incapaz de amar, "aluga" um substituto que o faça por ele, mas Gabriel é decadente e não está à altura do que é esperado dele; o substituto que deve ir procurar o substituto (Naim, que sai em busca do carro, e que lembra a Adam seu filho morto) é o único do romance que é capaz realmente de amar, de ter esperança, de acreditar e até cumprir funções sionistas ao ler jornais e ao aprender e declamar poemas hebraicos nacionalistas. E Naim é o árabe jovem, com o futuro à sua frente.

Como em outras obras, Yehoshua apresenta em *O Amante* seus temas sociais centrais: impossibilidade de manter uma sociedade que apagou ou distorceu o passado, sendo que sem passado ela é incapaz de construir sonhos em relação ao futuro ou de manter uma existência significativa no presente; e descrição de uma realidade e uma sociedade cujas conquistas e sonhos são obtidos através da destruição e da guerra.

A ficção israelense de então, como a de hoje, encontra-se numa tensão de idéias ininterrupta com o legado espiritual nacional e é nisto que consiste a sua especificidade: uma literatura que luta e que estabelece posições nas questões nacionais. A literatura da decadência em si importa por ter constituído uma contribuição valiosa para a leitura e esclarecimento da situação israelense.

## BIBLIOGRAFIA

- ALTER, Robert (1991). "The Israeli novel and post-World War II fiction", *The Tel Aviv Review*, n. 3. Edição brasileira: (1998) "O Romance Israelense e a Ficção pós-Segunda Guerra Mundial", *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica* n. 1. FFLCH, Humanitas, pp. 121-138.
- MIRON, Dan (1979). *Pinkas patuah*. Tel Aviv, Sifriyat Poalim.
- OREN, Yossef (1983). *Hahitpakchut bassiporet haisraelit*. Yahad, Rishon Letsion.
- SHAKED, Guershon (1985). *Gal ahara gal bassiporet haivrit*. Jerusalém, Keter.
- SHABTÁI, Y. (1977). *Zichron dvarim*. Tel Aviv, Siman Kriá.
- \_\_\_\_\_. (1996). *Passado Contínuo*. Trad. Nancy Rozenchan. Imago, Rio de Janeiro.
- YEHOSHUA, A. B. (1977) *Hameahev*. Jerusalém, Shoken.
- \_\_\_\_\_. (1984). *O Amante*. Trad. Rivka Berezin (resp.), Nancy Rozenchan et alii. São Paulo, Summus.

*Abstract:* This text approaches Israel's literary generation of the 70s. Books of that period, chiefly those on themes that have Six Days War and Yom Kippur War for their background, reflect disillusionment because of national ideals collapse which befall Israelian society on those years. Examples are drawn from Yaakov Shabtái and A. B. Yehoshua's novels Past continuous and The lover, both translated into Portuguese.

*Keywords:* Hebrew literature, Shabtái, Yaakov, Yehoshua, A. B.